

Sociedade pode cobrar mais qualidade

*Educadora afirma não
haver risco de se criar
ilhas de excelência no
sistema*

Rachel Namo Cury, a educadora que criou, na Secretaria da Educação de São Paulo, o programa Escola em Parceria diz que “quando a sociedade está dentro da escola, pode cobrar mais qualidade”. No entanto, ressalta que o sistema de gestão deveria ser modificado para aproveitar melhor as parcerias. “As escolas precisam ser autônomas”, afirma.

O caminho da autonomia esbarra na atuação das Associações de Pais e Mestres (APMs). O Ministério da Educação criou o programa Dinheiro na Escola para que as APMs recebessem mais rapidamente os recursos repassados pelo governo federal. Das 129,6 mil escolas cadastradas no programa, apenas 42% contam com associação. Sem as APMs, o dinheiro vai para a prefeitura e cai nas malhas da burocracia governamental. “Os pais deveriam estar mais envolvidos com a escola”, diz Rachel.

Exemplo da importância da presença dos pais no processo educativo é a ausência das APMs no Norte e o baixo rendimento dos alunos, que apresentam os piores indicadores educacionais do País. Até o ano passado, apenas 15% das escolas tinham APM, índice comparado à

média nacional de 33,8%.

Rachel nega a existência de ilhas de excelência na rede pública de São Paulo. Diz que, ao acabar com o programa Escola Padrão, que privilegiava poucas escolas, a Secretaria passou a distribuir, de forma equitativa pela rede, profissionais e formas de gestão concentrados no antigo projeto. As escolas passaram a ter coordenadores pedagógicos e a receber material e recursos para executar pequenas reformas.

A dona de casa Viviane Pontes, moradora do Tatuapé, zona leste de São Paulo, faz parte da APM da Escola Estadual João Borges. A escola recebeu cinco microcomputadores. A APM financiou a reforma da sala para abrigar as máquinas, que serviriam aos 2.066 mil alunos. O equipamento quase não é usado porque, segundo Viviane, faltam profissionais.

Vaias – Ricardo Pontes, de 12 anos, filho de Viviane e aluno da 7.ª série, diz que sua turma fez atividades uma única vez no laboratório de ciências e, naquela escola, atividade extraclasse resume-se a “jogar bola na quadra”. Resultado: no dia 19 de agosto, durante o 4.º En-

contro da Comunidade, os pais e alunos das escolas estaduais do Tatuapé comportaram-se como alunos indisciplinados e começaram a rir e a vaiar os representantes da Secretaria da Educação. Agora, a APM da João Borges está batendo na porta dos comerciantes da região para que “adotem” a escola.

A indústria de cosméticos Natura criou uma linha de produtos vendidos nacionalmente, por 200 mil consultoras, para financiar projetos educativos em parceria com a fundação Abrinq. O resultado é

que até hoje foram executados 57 projetos com a participação de 147 mil crianças.

Hoje, em São Paulo, além dos projetos de parceria firmados por meio do gabinete da Secretaria da Educação – que en-

volvem grandes empresas, como Motorola, Fiat, Porto Seguro Seguros e Pizza Hut –, as delegacias de ensino estão estabelecendo parcerias, por conta própria, com a comunidade que cerca a escola.

Pedro Jacobi, pesquisador de gestão escolar da USP, é favorável a iniciativas que “reforcem economicamente a condição das escolas”. Mas, em sua opinião, “o Estado deve regular essas parcerias”. (G.A.)

ESCOLA DO
TATUAPÉ
QUER SER
ADOTADA